Sobre a questão feminina e a figura de Madame de Staël: duas cartas inéditas de Cláudia de Campos para Carolina Michaëlis de Vasconcelos

Autor(es): Delille, Maria Manuela Gouveia

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: [URI:http://hdl.handle.net/10316.2/38703](http://hdl.handle.net/10316.2/38703)

DOI: [DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1164-8_26](http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1164-8_26)

Accessed : 26-Apr-2023 12:30:58

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

UMA COISA NA ORDEM DAS COISAS

ESTUDOS PARA OFÉLIA PAIVA MONTEIRO

CARLOS REIS
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
MARIA HELENA SANTANA
COORD.

IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

**SOBRE A QUESTÃO FEMININA
E A FIGURA DE MADAME DE STAËL:
DUAS CARTAS INÉDITAS DE CLÁUDIA DE CAMPOS
PARA CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS**

No epistolário de Carolina Michaëlis de Vasconcelos existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra encontram-se duas cartas inéditas (*Apêndice*, pp. 447-454 e 457-468) que a escritora Cláudia de Campos (1859–1916)¹ dirigiu no Verão de 1901 à então já famosa erudita luso-alemã: uma de 21 de Agosto, na qual envia a Carolina Michaëlis os dados biobibliográficos por esta solicitados, e outra de 19 de Setembro, incidindo sobre o livro *A Baroneza de Staël e o Duque de Palmella* (Campos, 1901), que nesse mesmo ano publicara como réplica polémica aos dois capítulos em que a conhecida escritora Maria Amália Vaz de Car-

¹ Nascida em 1859, em Sines, de uma família abastada, em jovem frequentou o colégio de Mrs. Kutle na Rua do Alecrim em Lisboa, cidade onde fica a viver depois do casamento, aos 16 anos, com Joaquim d'Ornelas e Matos. Tendo iniciado a sua carreira literária com o livro de pequenos contos *Rindo* (1892), distinguiu-se na época como autora de estudos críticos (*Mulheres. Ensaios de Psychologia Feminina*, 1895, *Soror Marianna Alcoforado*, 1896, *A Baroneza de Staël e o Duque de Palmella*, 1901) e de romances (*Ultimo Amor*, 1894, *Esphinge*, 1897, *Elle*, 1899), ao mesmo tempo que colaborava, por vezes sob os pseudónimos de Carmen Silva e Colette, em publicações periódicas lisboetas. Em 1906 fez parte da direcção da Secção Feminista da Liga Portuguesa da Paz e em finais desse mesmo ano foi eleita vogal do Comité Português da agremiação francesa La Paix et le Désarmement par les Femmes.

Sobre a vida e a obra de Cláudia de Campos, alguns dos principais dados biográficos constam da carta da própria a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, de 21 de Agosto de 1901, que reproduzo no *Apêndice*; para além de breves resenhas biobibliográficas *online* (<<http://www.alentejolitoral.pt/PortaRegional/PersonalidadesRegionais>>, <<http://7www.sines.PT/concelho/personalidades>>, <<http://7www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugueses/autores>>), *vd.* também – com a ressalva de, em todos eles, por evidente lapso, se indicar como data de nascimento o ano de 1871 e se referir ter sido a escritora educada em Inglaterra – os respectivos verbetes dos seguintes Dicionários: *Dicionário de Mulheres Célebres* (Oliveira, 1981: 193), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* (1994, III: 103) e *Dicionário no Feminino: Séculos XIX e XX* (Esteves, 2005: 220-221).

valho (1847–1921), no primeiro volume da sua obra *Vida do Duque de Palmella D. Pedro de Souza e Holstein* (Carvalho, 1898: 94–160), havia tratado os fugazes amores entre Madame de Staël e D. Pedro de Sousa, futuro Duque de Palmela.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos preparava naquela altura – a convite da sua velha amiga Helene Lange, uma das principais dirigentes do movimento feminista burguês alemão² – um estudo sobre a história do movimento feminista na Espanha e em Portugal, que viria a ser publicado, com data de 1901, na Primeira Parte do *Handbuch der Frauenbewegung* [Manual do Movimento Feminista], editado por Helene Lange em colaboração com Gertrud Bäumer (Vasconcelos, 1901: 424–455).³ Com a finalidade de recolher dados para esse estudo escreve D. Carolina a várias escritoras portuguesas empenhadas na causa feminina e/ou que tivessem já publicado obra de relevo na época sobre a matéria, solicitando informações sobre a respectiva vida e obra literária.⁴ Na carta de 21 de Agosto de 1901, Cláudia de Campos, depois de enumerar os livros que até àquela data havia escrito e publicado, passa a expor os seus principais dados biográficos, entre os quais destaca o contacto livre com a natureza em Sines, sua terra natal – onde passou uma infância e adolescência privilegiadas pela educação inglesa que recebeu do pai e as leituras dominantes que na altura fez dos grandes autores de língua inglesa (poetas líricos, romancistas, dramaturgos e ensaístas, de Shakespeare a Carlyle) –, e o corte abrupto com o mundo tranquilo da adolescência em consequência do casamento aos dezasseis anos de idade, o que determina a entrada em Lisboa numa vida social mundana que a princípio

² No que concerne às relações de Carolina Michaëlis de Vasconcelos com Helene Lange, que datam dos anos da juventude em Berlim e se mantiveram pela vida fora, *vd.* Delille, 1985: 240–245.

³ Desse estudo foi publicada no jornal portuense *O Primeiro de Janeiro* (n.ºs 215, 216, 217, 218, 219, 221, respectivamente de 11, 12, 13, 14, 16 e 18 de Setembro de 1902), sob o título «O movimento feminista em Portugal», uma versão portuguesa, ligeiramente aumentada, da autoria de Duarte Leite, na altura professor da Academia Politécnica do Porto; em 2002, Luís Carlos Patraquim recolhe e edita numa brochura, sob o mesmo título, a versão de Duarte Leite, que passo a utilizar nas citações.

⁴ Numa carta inédita a Luise Ey, datada de 24 de Julho de 1899 (pertencente ao espólio de Luise Ey na posse de Fátima Figueiredo Brauer), Carolina Michaëlis informa ter enviado, entre outras obras, ao filho Carlos, que nessa altura a estudar engenharia em Berlim reclamava livros e revistas portuguesas, o volume de contos *Rindo* de Cláudia de Campos, com o pedido de este após leitura fazer seguir tudo para Luise Ey, a quem habitualmente Carolina fornecia as últimas produções literárias nacionais; a caracterização muito breve dessa colectânea que consta da referida carta – «lissab. Novelletten, die nach meinem Geschmack zu wenig portug. u. zu stark kosmopolitisch sind» [contos lisboetas que para meu gosto são demasiado pouco portugueses e em demasia cosmopolitas] – comprova a leitura e informação actualizada que a erudita mantinha das novidades literárias portuguesas.

a deslumbrou, mas da qual cedo se vem a desiludir, refugiando-se de novo nos prazeres intelectuais e iniciando, a partir de 1892, a carreira literária para que se sentia vocacionada. Após referir, ainda na mesma carta, o problema que mais a preocupava, designadamente, o da «situação da mulher perante a sociedade e perante a lei e o conflicto dos sexos», acentua a absoluta necessidade de emancipação da mulher, particularmente da mulher portuguesa, mas não deixa de confessar que lhe desagrada «o feminismo militante e palavroso» e que, para o bom êxito da desejada evolução, considera valerem mais «os exemplos do que as phrases, a propria conducta do que a exposição de doutrinas».⁵

Não obstante os esforços envidados, não me foi possível ainda obter a carta-resposta ou outra qualquer carta de Carolina Michaëlis para Cláudia de Campos. Depreende-se do teor da segunda carta de Cláudia de Campos, de 19 de Setembro de 1901, que D. Carolina terá comunicado à autora as impressões que lhe deixou a leitura da obra desta sobre a baronesa de Staël e o duque de Palmela, e que, conforme aliás era seu uso na crítica de produções literárias dos contemporâneos, não se coibiu de apontar, juntamente com os devidos louvores, os aspectos que lhe pareceram menos conseguidos, particularmente alguns traços que julgou serem demasiado negativos ou incompletos no perfil traçado da célebre escritora francesa. Procurando defender-se, Cláudia de Campos esforça-se em primeiro lugar por acentuar, na supracitada carta, o carácter polémico de que se reveste o seu livro, com o qual pretendeu «desfazer uma a uma todas as inconcebíveis phantasias com as quaes a Snr^a D. Maria Amalia lhe aprouve compôr da sua cabeça o episodio de Madame de Staël e do nosso duque, e que tão applaudidas foram pela sua “côterie”». Visou essencialmente desmistificar a imagem staëliana apresentada na obra de Maria Amália Vaz de Carvalho, contrapondo-lhe a individualidade de Staël como mulher que ela própria, Cláudia de Campos, construiu a partir de diversos documentos e que considerava «verdadeira». Magoada com a hostilidade que Maria Amália manifestara a seu respeito desde que havia iniciado a carreira literária, chega até a dizer que «a baroneza foi somente o pretexto para [...] esgrimir em publico com quem desejava esgrimir». Em resposta às objecções de Carolina Michaëlis quanto à ausência da devida

⁵ Nestas como em todas as outras citações de textos inéditos, optei por uma transcrição diplomática.

menção à obra literária da escritora francesa, Cláudia de Campos alega que não pretendeu escrever um estudo literário, por isso não achou oportuno tratar de Madame de Staël escritora, cuja obra aliás declara ter lido de forma exaustiva e admirar «em toda a sua vasta e complexa intelligencia». Invocando um ensaio seu anterior, no qual já procurara descrever a psique staëliana,⁶ caracteriza a Madame de Staël mulher como «antipathica», «anti-feminina, e de costumes mais do que equívocos», declarando não haver inteligência que a possa absolver. Insurge-se especialmente contra o facto de Maria Amália Vaz de Carvalho, na sua obra, classificar de «grande honra» para um homem superior como o jovem Pedro de Sousa⁷ a entrada naquilo a que Cláudia de Campos chama «a lamentavel promiscuidade dos amores de M.me de Staël». Tal como no escrito anterior, Cláudia de Campos julga de um ponto de vista estritamente moral os actos e costumes de Madame de Staël de que tem conhecimento, as suas sucessivas e/ou simultâneas paixões, sem a empatia e a tolerância de Maria Amália Vaz de Carvalho e sem as «benevolencias» aconselhadas por D. Carolina, *i. e.*, sem tomar em consideração a natureza genial da baronesa, a sua ideologia, os hábitos e costumes vigentes ou tolerados no meio aristocrático francês da época, muito especialmente no círculo sociocultural, artístico e político em que aquela escritora se movia.⁸

⁶ Refere-se ao ensaio sobre a condessa de La Fayette e a baronesa de Staël pertencente à obra *Mulheres. Ensaio de Psychologia Feminina* (Campos, 1895). Nele contrapõe Cláudia de Campos o «carácter viril, apaixonado e impetuoso» (*ibidem*, 222) de Madame de Staël ao equilíbrio moral demonstrado, tanto na vida como na obra, pela condessa de La Fayette, que a seu ver possuía, requintados e aperfeiçoados, todos os atributos do sexo feminino (*ibidem*, 247).

⁷ A forma como Maria Amália Vaz de Carvalho valoriza os amores entre Mme de Staël e D. Pedro de Sousa, no capítulo «A Itália – Madame de Staël» da supracitada obra, tinha inevitavelmente de provocar a discordância de Cláudia de Campos. Na verdade, embora Maria Amália frise por várias vezes (e.g.: Carvalho, I, 1898: 143) que a baronesa, qual força da natureza, era o elemento mais apaixonado, ao passo que o jovem aristocrata português oscilava entre a rebeldia e a submissão, entre o desnorreamento e a lucidez (*ibidem*, 100 e 105), não deixa também de observar que este episódio amoroso «foi para D. Pedro uma deliciosa experiencia sentimental, das que constituem a felicidade mais rara de um homem superior [...]» (*ibidem*, 157) e nas páginas finais do capítulo seguinte, «De Roma até Lisboa», após declarar que Madame de Staël no seu amor por D. Pedro lhe prestou uma homenagem que o assinalou aos olhos da posteridade, chega a afirmar que: «Se do Duque de Palmella nada mais soubessemos alem do entusiasmo que elle inspirou á maior das escriptoras do mundo [...] isto era sufficiente para que o collocassemos na altura que por tantos outros titulos lhe pertence.» (*ibidem*, 159) e justifica o desenvolvimento dado na sua biografia do Duque de Palmella a «este brilhante e caracteristico episodio da sua mocidade fecunda em promessas» por lhe ter parecido «que nenhum podia ser mais eloquente como revelação do valor que elle então já tinha para todos os olhos que sabiam ver.» (*ibidem*, 159).

⁸ Sobre a personalidade e a vida de Madame de Staël, leia-se a pertinente análise de Maria de Fátima Bonifácio (2006: 125-146).

Importante me parece também notar que tanto Cláudia de Campos como Maria Amália Vaz de Carvalho, nos respectivos discursos sobre Madame de Staël, seguem a doutrina de diferenciação sexual hegemónica na época, aplicando nos juízos que sobre a baronesa proferem as tradicionais dicotomias características da oposição masculino/feminino, respectivamente: força/fragilidade ou fraqueza, razão/coração, intelecto/sentimento, espaço público/espço privado. No entanto, se bem que ambas partam dum paradigma comum, ou seja, se bem que ambas as escritoras aceitem e encareçam os papéis de esposa/dona de casa e mãe/educadora que a sociedade do tempo atribuía à mulher, no que toca à caracterização de Madame de Staël são por elas assumidas posições muito diferentes, se não diametralmente opostas. Maria Amália Vaz de Carvalho não se cansa de reiterar, nos mais encomiásticos termos, a simpatia e admiração que sente pelas excepcionais qualidades intelectuais, pelo génio brilhante de que Madame de Staël dá provas na sua conversação e nos seus escritos, e defende-a veementemente dos que lhe negam qualidades femininas:

A verdade é que poucas foram tão profundamente *mulheres* como esta mulher, que tinha o genio imperioso e dominador de um homem...

O que ella mais que tudo quizera ter não era o talento que assombra... e que afugenta. Era a belleza ideal que subjuga, entenece e prende os corações.

Não era de admiração que ella tinha a sêde atormentadora e inextinguivel; era de ternura, era de affecto [...]

Não; a pobre Germaine de Staël não era tal o monstro anti-feminino, monstro de talento viril, e de viril orgulho indomito, que a inveja dos homens tem pintado.

Era uma mulher como todas, tendo a mais do que todas o genio, e a menos do que muitas a belleza. (Carvalho, I, 1898: 96)

E nas linhas iniciais do comentário que se segue à transcrição das cartas de Madame de Staël a D. Pedro de Sousa, num dos Apêndices ao volume I da sua obra, volta a sublinhar o carácter bem feminino da escritora francesa:

Que pena faltar a continuação d'estas cartas tão interessantes, tão vivas, de uma desordem tão eloquente, em que surprehendemos por assim dizer uma Madame de Staël que só os intimos conheceram, na qual nada resta das pompas e das

pregas theatraes do manto de Corinna, uma Madame de Staël *bem mulber*, bem garrida e apaixonada, e importuna na sua paixão, e humilde na sua supplica! (Carvalho, I, 1898: 497)

Não assim Cláudia de Campos que, sem deixar de reconhecer o talento superior e o grande prestígio da baronesa de Staël, já no ensaio de 1895 a classificara como ser predominantemente masculino:

Se eu pudesse tornar-me homem!... tal foi, me parece, um dos seus gritos mais espontaneos e uma das suas mais secretas ambições. As saias [...] deviam ter sido o grande obstaculo de uma creatura tão viril, com todas as virtudes e defeitos do sexo forte, e bem poucos attributos do sexo a que, infelizmente para ella, pertencia. O seu character expansivo e leal era refractario a todos os artificios e a todas as subtilezas da *coquetterie*, é certo; mas é tambem certo que era um character masculino de mais, mostrando sem reserva nem pudor, tanto os seus erros como as suas qualidades. (Campos, 1895: 230-231)

Além disso, no livro polémico em que rebate uma por uma as apreciações de Maria Amália Vaz de Carvalho – esforçando-se, por exemplo, por desmistificar a tão louvada ‘sinceridade’ staëliana, através da transcrição de cartas da baronesa ao poeta italiano Monti que igualavam no tom apaixonado as enviadas, no mesmo período, ao jovem D. Pedro (Campos, 1901: 188-201) –, resume, em termos coincidentes com os da carta acima citada, o perfil da baronesa que procurou traçar:

[...] esse perfil é dominador, é viril, é masculino. O que ele nos representa, com a implacavel logica das illações tiradas, não é uma Staël graciosa e feminina, *mais mulber* que as outras mulheres, sonhadora e enamorada, sincera e exclusiva, capaz de tudo sacrificar a um affecto; é um ser hybrido, uma Staël-homem, desprovida das irresistiveis graças do seu sexo, invertendo a cada passo os papeis da natureza, voluvel, contradictoria e falsa, subordinando os seus amores aos seus interesses e ás suas ambições. (Campos, 1901: 107)

E Carolina Michaëlis de Vasconcelos? Qual a sua posição perante a polémica, de que teve conhecimento, entre duas mulheres de letras portuguesas sobre a famosa Madame de Staël e o breve idílio amoroso desta com D. Pedro de Sousa?

Na ausência de qualquer carta dirigida por Carolina Michaëlis a Cláudia de Campos e sem ter conhecimento de nenhum escrito michaeliano em que se trate da autora francesa, só me é possível comentar as opiniões de D. Carolina que se deduzem das críticas mencionadas por Cláudia de Campos na sua carta de 19 de Setembro de 1901 e as referências que a erudita luso-alemã faz às duas escritoras portuguesas no estudo sobre a educação da mulher em Portugal e na Espanha.

Da carta se infere que Carolina Michaëlis considerou o retrato traçado por Cláudia de Campos incompleto, desequilibrado e injusto por lhe parecer que foi dado excessivo realce aos «grandes defeitos» da baronesa e não foram postas suficientemente em relevo as suas «grandes qualidades», não sendo assim devidamente evidenciado o seu reconhecido mérito literário. A este propósito terá citado os elogios de Sainte-Beuve a Madame de Staël e o perfil staëliano muito positivo desenhado por uma compatriota sua, Charlotte Lady Blennerhassett, na extensa obra em três volumes *Frau von Staël, ihre Freunde und ihre Bedeutung in Politik und Literatur* (1887-1889), traduzida imediatamente para inglês (1889) e no ano seguinte para francês.⁹ Por último, com a sua proverbial indulgência, provavelmente não isenta de ironia, D. Carolina terá aconselhado a escritora siniense a ser benevolente e «mais caritativa».

No entanto, se a estas observações aduzirmos a apreciação que Carolina Michaëlis faz das duas mulheres de letras no estudo publicado em 1901 no *Handbuch der Frauenbewegung* e traduzido por Duarte Leite nas páginas de *O Primeiro de Janeiro* no ano seguinte, o fiel da balança fica a pender muito favoravelmente para o lado de Cláudia de Campos.

⁹ Charlotte Lady Blennerhassett, condessa de Leyden pelo nascimento (1843-1917), distinguiu-se, no meio literário alemão, a partir dos anos 80 do século XIX, como historiadora e publicista, tendo colaborado, com numerosos ensaios histórico-culturais e políticos, em importantes revistas literárias da época. Cláudia de Campos demonstra ter conhecido bem a obra daquela escritora sobre a baronesa de Staël e, em resposta aos reparos de Carolina Michaëlis, atribui o carácter altamente elogioso, quase hínico, do perfil staëliano nela traçado ao facto de Lady Blennerhassett só tratar Madame de Staël como mulher de letras e sobretudo como autora da obra *De l'Allemagne*, tão gratificante para a nação germânica, e sugere ser também sob a influência desse sentimento de simpatia e gratidão que Carolina de Michaëlis, como alemã, aprecia tão positivamente a escritora francesa.

A respeito de Maria Amália Vaz de Carvalho, além de nomear como a mais notável das suas investigações críticas e históricas a obra supracitada *Vida do Duque de Palmella*, D. Carolina refere aqueles livros – *Cartas a Luísa*, *Cartas a uma Noiva*, *Mulheres e Crianças* – em que Maria Amália tratou especialmente dos problemas relacionados com a educação das crianças e a condição da mulher. Declara, porém, que mais se lhe deve pelo exemplo de esposa dedicada, mãe e educadora de dois filhos e trabalhadora aplicada, vivendo da sua pena, do que pela doutrinação de carácter tradicional expendida nessas obras. Na verdade, a autora, guiada pelo ideal de domesticidade também defendido, para as mulheres, pelos representantes da Geração de 70,¹⁰ limita-se, nas palavras de Carolina Michaëlis, a «formular e aconselhar uma educação mais racional das raparigas portuguesas, higiene física e moral, e preceitos e regras para desempenho das tarefas domésticas que naturalmente lhes terão de ser confiadas.» (Vasconcelos, 2002: 50)

Logo a seguir, Cláudia de Campos é apresentada como um exemplo de «oposição franca a este processo de tornear as dificuldades dos problemas», declarando D. Carolina que o contraste entre as duas escritoras é bem sensível não só na obra polémica de Cláudia de Campos *A Baroneza de Staël e o Duque de Palmella*, «em que as relações dos dois personagens são diversa e mais justamente apreciadas que por Maria Amália Vaz de Carvalho» (*ibidem*, 55), mas também nos estudos críticos, novelas e romances da mesma autora, nos quais esta submete a alma feminina e a relação entre os dois sexos a uma penetrante análise. Demorando-se a expor os principais dados biográficos da escritora de Sines, Carolina Michaëlis louva-lhe a educação inglesa e as leituras germânicas, que a seu ver lhe conferiram singular vigor de entendimento, compreensão profunda do idealismo alemão e uma independência e liberdade em matéria religiosa pouco vulgar nos países meridionais, e acaba por citar largamente toda a parte final da carta que lhe fora enviada a 21 de Agosto, na qual Cláudia de Campos, embora reconhecendo como absolutamente necessária a emancipação da mulher portuguesa, se mostra avessa à propaganda activa das ideias feministas e

¹⁰ Sobre o posicionamento conservador de Maria Amália Vaz de Carvalho, em inteira sintonia com o discurso da elite masculina do tempo, leiam-se, na obra de Ana Maria Costa Lopes, *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos. Percursos de Modernidade*, os subcapítulos «Maria Amália Vaz de Carvalho: escola de mulheres, discípulas de homens», «A educação para o casamento ou a retórica da subordinação» e «Maria Amália, uma figura problemática» (Lopes, 2005: 572-582).

confessa ter optado nos seus livros por tentar entender e resolver os enigmas e contrariedades da natureza feminina. Embora compreenda esta opção, D. Carolina espera que a autora modifique as suas convicções e a sua actividade numa fase mais avançada e mais madura da sua carreira literária, «quando de novo volver os olhos da literatura para a vida real, da dama para a mulher – quando enfim lhe for presente, na plenitude do seu valor, a indefessa e efficacíssima actividade das mulheres na Inglaterra, América, Alemanha, França e Itália, e ainda em nações de menor categoria» (*ibidem*, 57-58).¹¹

Dou aqui por concluídas estas breves páginas em que procurei contextualizar duas curiosas cartas inéditas de Cláudia de Campos, cuja publicação me pareceu oportuna, não só por representarem um testemunho desconhecido da recepção de Madame de Staël em Portugal, mas também porque vêm trazer novos dados para o estudo da vida e da obra de uma escritora portuguesa hoje quase esquecida.

* Por vontade da autora, o presente texto não segue as normas do novo Acordo Ortográfico.

¹¹ Na referência à actividade das mulheres de outros países – «a indefessa e efficacíssima actividade das mulheres na Inglaterra, América, Alemanha, França e Itália, e ainda em nações de menor categoria» –, no texto original alemão lê-se apenas: «die grossartige soziale Thätigkeit der englischen und amerikanischen Frauen» [a magnífica actividade social das mulheres inglesas e americanas] (Vasconcelos, 1901: 438). Julgo muito difícil determinar se esta e outras alterações notadas na comparação do texto português publicado no *Primeiro de Janeiro* com o original alemão são da exclusiva responsabilidade do tradutor ou se devem a uma intervenção de Carolina Michaëlis.

BIBLIOGRAFIA

- BONIFÁCIO, Maria de Fátima (2006), «Posfácio», in: *Correspondência. Madame de Staël. Dom Pedro de Souza*. Recolha, introdução, comentário e notas de Béatrix d'Andlau, Lisboa, Quetzal Editores, pp. 117-183;
- CAMPOS, Cláudia de (1895), *Mulheres. Ensaio de Psychologia Feminina*, Lisboa, M. Gomes, Editor;
- ___ (1901), *A Baroneza de Staël e o Duque de Palmella*, Lisboa, Tavares Cardoso e Irmão;
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de (1898), *Vida do Duque de Palmella D. Pedro de Souza e Holstein*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional;
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia (1985), «Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) – Uma alemã, mulher e erudita, em Portugal», in: *Biblos. Revista da Faculdade de Letras*, LXI, pp. 217-248;
- Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, vol. III (1994), org. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, coord. Eugénio Lisboa, Mem Martins, Publicações Europa-América;
- ESTEVES, João (2005), «Cláudia de Campos», in: Zília Osório de Castro e João Esteves (dir.), António Ferreira de Sousa, Ilda Soares de Abreu e Maria Emília Stone (coord.), *Dicionário no Feminino (Séculos XIX e XX)*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 220-221;
- LOPES, Ana Maria Costa (2005), *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos. Percursos de Modernidade*, Lisboa, Quimera Editores;
- Memórias do Duque de Palmela* (2012). Transcrição, prefácio e edição de Maria de Fátima Bonifácio, Lisboa, D. Quixote;
- OLIVEIRA, Américo Lopes de (1981), *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto, Lello e Irmão Editores;
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1901), «Die Frauenbewegung in Spanien und Portugal», in: Helene Lange und Gertrud Bäumer (Hrsg.): *Handbuch der Frauenbewegung*, I. Teil, *Die Geschichte der Frauenbewegung in den Kulturländern*, Berlin, W. Moser Buchhandlung, pp. 424-455;
- ___ (1902), *O Movimento Feminista em Portugal*, in: *O Primeiro de Janeiro*, n.ºs 215, 216, 217, 218, 220, 221, respectivamente de 11, 12, 13, 14, 16 e 18 de Setembro.
- ___ (2002), *O Movimento Feminista em Portugal*. Organização, prefácio e notas de Luís Carlos Patraquim, Editorial Seis-Filetes (Fradique), Paio Pires.

APÊNDICE*

1 – Carta, de 21 de Agosto de 1901, Lisboa, de Cláudia de Campos a Carolina Michaëlis de Vasconcelos (BGUC, Ms. CMV 1/201).

CLÁUDIA DE CAMPOS
Ms. CMV 1
201

Caro Sr.
Pedro me V. teê na sua carta alguma
informação sobre a minha vida, sobre
estado do meu trabalho literário e
sobre as condições que professo. Vou
Raz, da melhor vontade, satisfazer as suas
assercções pedindo.
Os livros por mim escritos e publicados
até hoje são os seguintes: Reino, - collecção
de rom. - 1892; Ultimo Amor (capitulado)
- romance - 1894; Mulheres, - ensaio crítico -
1895; Experiência - romance - 1899; Relle, -
romance - 1899; Barraza de Gaiete o Duque
de Palmella, - estudo crítico - 1901. Estou
variando muito mais, cizara, um trabalho
sobre Som Mariaanna elcotonado, e já de
que se venham o critério inglês, logo

*Agradeço ao Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Professor Doutor José Augusto Cardoso Bernardes, a autorização concedida para reproduzir as duas cartas inéditas de Cláudia de Campos a Carolina Michaëlis de Vasconcelos que pertencem ao epistolário de Carolina Michaëlis de Vasconcelos existente naquela Biblioteca.

Préface, dedicando-me a reguener
côica das cartas para hein celebre, por elle
verhion em inglez. A primeira côica for
dedicada a Oliveira Martins. Já prompta
a imprimir, lizo uma monographia de
Shelley - primeiro volume de uma serie de
curios sobre litteratura ingleza, que leu com
exceção.

Tam abenico quanto passiva explicação, lizo
fatigante, curio a V. de um numero de
Revista Brasileira, onde o Dr. Garcia Rodon
mim antigo que me d'oum faz uma apre-
ciação de minha obra até 1899. heze assim
encomenda V. de a synthese de meus trabalhos
e com ella creio em alguns de quibria que foy
o minha biographia para puer interesse e
nem em dezer jornal-a interessante. Espe-
ro a duos principaes, aquelle que me pare

passaram-se mais puzaveri ao fim a que
V. Roy ordenou.

Naquelle época. minha mulher filha de um
medico disposta e ilustrada. Recebia uma educação
asaz esmerada e puzo n'ella, nessa época, e em
raparigas portuguezas da provincia. Talias n'ellas
Dance, desenho, francez e italiano. Meu pai
Chaveira - e Francisco Antonio de Campos, era
um rico proprietario, pertencente a uma das
principaes familias de Portugal. Tez apud
Lisboa, num bom collegio de Libros, dedicando-
se a se occupar ao commercio. Viajam
muito, falam perpetuamente, residiam, possuia
um verdadeiro amor as letras, que cultiva
nas suas vagas, e professava um curso fervoroso
pelos estudos da intelligencia. Considerando na
maior intimidade e desde muito tempo com
ingleses, estando por varias vezes em Inglaterra,
conhecendo a fundo a lingua, a historia e a
litteratura desse Pais, meu pai Chamou-se

ingles pelos hábitos, pelo carácter, pelos re-
sultados, por mil affinidades, enfim. Foi com
cada a sua graça e segundo os seus princípios.
Aprendi as linguas estrangeiras, sobretudo a
ingles, desde que aprendi a falar. Toda a infan-
cia e toda a adolescencia desfilaram sobre meus
olhos, em um caminhar de familias inglesas e em
suas casas. Luei, com estas amigas e amigas
deus vivas, não só de deturbo cultural intelle-
tual e de fôrça exercicio phyzico, em se as ro-
chas e as escuras de Sines, isolado do resto
do mundo, só sendo, para conhecer o, os jamaez
ingleses, incluindo. De criança, a grande, a
suprema impressão - para mim e para as mi-
nhas companheiras - era a liberdade. Commu-
nicar e discutir as impressões por effecção.
Não quer cessar. Por esse processo, em dez annos
zahir de Sir Shakespeare, Wordsworth, Byron,
Shelley, Moore, etc.; Sir Brent, Swift, Burke.

Edgeworth, Gaskell, Browning, e muitos
outros, embebeira quasi todos os outros
ou fraudes prozadras inglesas, desde
Dickens e Thackeray até Macaulay e
Carlyle. Quasi todos, porém, quasi todos,
das outras contrapartidas para as que
nunquem me chamaria a assegurar. Tais
foam as influencias de educacao e de
meio que moldaram o meu livro e que
maior predominio em mim tiveram.
Reflexões e explicações minhas sobre o meu caracter,
minhas ações de minha vida, como explico
estas minhas paginas dos meus livros e as
principaes tendências do meu espirito.
Casei aos dezesseis annos, e o meu casamento
meo fez com que tivesse a adquirir e desfrutar
minhas propriedades de meus pais, em re-
feição ao meu futuro. Foi de subito
obrigado a entrar na sociedade, a passar

sem nenhum transeio, por um
meio completamente oposto a quello
que até ali me cercava. E mudando fi-
temaziado briga, não estava mais em
paz. Passado o primeiro Terceiro
meio das festas, o aparelho não
mundano, a alma desentende. Provação
de novo o racio. Com o sagaz inferio,
e volgar deillard, ao antigo zomb,
ao antigo modo de ser. Teu, eu, e
seu primeiro vez. Com clareza a inavidez
do goz facis do not vulgar e glauco. E o zai
superior do goz superior da intelligencia, as
causas do mundo moral. E a seza mais
definitivamente a menção do meu espirito,
adabo de forma o meu caracter e decidin
a minha carreira futura. Depois de 1890
o meu primeiro herido a presentavei.
Nem um aprofundei anterior. E a da, e a da

Tudo crasso parece o habit de empôr segun-
tar história e de manter um jornal onde dia a
dia caminham as muitas impressões e análises
quase in e quanto me sucedem.
O problema que mais me tem preocupado - in-
teressando-me em aliar, por todo o grande problema
que depara a humanidade - é o problema da
significação do mundo perante a realidade e perante
a lei e o conflito do ser. E muitas vezes emar-
cipar-se de tudo que a humanidade de tudo que a
não deixa separar, que não individualidade, que
ampliando e de crescer a liberdade e a justiça
a que tudo o ser consegue sem esforço. E por
consequência não tem a paragem de muitas
bem feita e de serem eficazes as condições
apresentadas e feitas. Considero o ser, a
leitura bem indicada, a ser a disciplina moral,
muito bem feita e muito o caminho a mais
seguro para a completa emancipação. E
ignora a privacidade a individualidade e a de-
reção a perfeição e a que a assim se
não a serem mais que a serem o novo ser.

Quem não tem a liberdade — e o nome
muito suspeito é tão aguçado e ainda tão inflexível
rio a qualquer miséria, praeis, meze e
lado! — nenhum regulado, zero, zero, zero
que expõe isolado do paridade do feminismo
humano, no mundo, abito, discreta e est
fueras, zero mesmo, enfado a propagando
ação de certas ideias avançadas, por julgar e serem
praeis no meu país, e por me um trabalho
em principio, o feminismo militante e palavro.
Para o bem-estar de evolucionar que, em certa
made fazer-se, e um período mais, e um tempo
valeu mais e exemplo do que as phrases, e pro
prio exemplo do que a exposição de imprensa. —
Se V. Ex.^a entender não serem ainda sufficientes
em explicação, sempre sempre ao seu dispor e em
lado o que responderi a mesma theoria mezarino
zabur. Aceite V. Ex.^a os meus cumprimentos e o
protesto de minha muito consideração e m^{te} admiração
Cludio de Campos
Casa de V. Ex.^a - Avenida da Liberdade - 212 - 27/9/1902

Transcrição:

Ex^{ma} Snr^a

Pede-me V. Ex^a na sua carta algumas informações sobre a minha vida, sobre a indole dos meus trabalhos litterarios e sobre as doutrinas que professo. Venho, pois, da melhor vontade, satisfazer o seu attencioso pedido.

Os livros por mim escriptos e publicados até hoje são os seguintes: Rindo, – colecção de contos – 1892; Ultimo Amor (esgotado) – romance – 1894; Mulheres, – ensaios criticos – 1895; Esphinge – romance – 1897; Elle, – romance – 1899; A baroneza de Staël e o Duque de Palmella, – estudo critico – 1901. Entre varios artigos meus, citarei um ensaio sobre Soror Marianna Alcoforado, ensaio de que se occupou o escriptor inglez Edgar Prestage, dedicando-me a segunda edição das cartas dessa freira celebre, por elle vertidas em inglez. A primeira edição fora dedicada a Oliveira Martins. Já prompta a imprimir, tenho uma monographia de Shelley – primeiro volume de uma serie de ensaios sobre litteratura ingleza, que tenciono escrever.

Para abreviar quanto possivel explicações, talvez fatigantes, envio a V. Ex^a um numero da Revista Brasileira, onde o Dr. Garcia Redondo, n'um artigo que me dedicou, faz uma apreciação da minha obra, até 1899. Nesse artigo encontrará V. Ex^a a synthese dos meus trabalhos e com ella, creio eu, alguns dos subsidios que deseja. A minha biographia tem pouco interesse e nem eu desejo tornal-a mais interessante. Ahi vão os dados principaes, aquelles que me parece poderem ser mais prestaveis ao fim a que V. Ex^a os destina.

Nasci em Sines. Minha mãe era filha de um medico distincto e illustrado. Recebera uma educação assaz esmerada e pouco vulgar, nessa epoca, em raparigas portuguezas da provincia. Sabia musica, dança, desenho, francez e italiano. Meu pai chamava-se Francisco Antonio de Campos, era um rico proprietario pertencente a uma das principaes familias da localidade. Fez estudos brilhantes n'um bom collegio de Lisboa, dedicando-se em seguida ao commercio. Viajava muito, falava perfeitamente tres idiomas, possuia um verdadeiro amor às letras, que cultivava nas horas vagas, e professava um culto fervoroso pelas cousas da intelligencia. Convivendo na maior intimidade e desde muito novo com inglezes, estando por varias vezes em Inglaterra, conhecendo a fundo a lingua, a historia e a litteratura desse paiz, meu pai tornou-se inglez pelos habitos, pelo character, pelos sentimentos, por mil affinidades, emfim. Fui educada a seu gosto e segundo os seus principios. Aprendi as linguas estrangeiras, sobre tudo o inglez, desde que aprendi a falar. Toda a infancia e toda a adolescencia deslizaram entre mestras inglezas, no convivio de familias inglezas e entre amigas inglezas. Levei, com essas amigas e minhas duas irmãs, uma vida de delicioso cultivo intellectual e de fortes exercicios physicos entre as rochas e as charnecas de Sines, isolada do resto do mundo, só lendo, para conhecel-o, os jornaes inglezes illustrados. De creança, a grande, a suprema distracção – para mim e para as minhas companheiras – era a leitura e o comunicar e discutir as impressões por ella recebidas. Lia sem cessar. Por este processo, aos doze annos, sabia de cór Shakespeare, Wordsworth, Byron, Shelley, Moore, etc; lêra Brontë, Eliot, Austen, Edgeworth, Gaskell, Browning, e muitas outras. Conhecia quasi todas as obras dos grandes prosadores inglezes, desde Dickens e Thackeray até Macaulay e Carlyle. Não sabia, porem, quasi nada, das letras portuguezas, para as quaes ninguem me chamára a attenção. Taes foram as influencias de educação e de meio que rodearam o meu berço e que maior predominio em mim tiveram. Ellas explicam muitos traços do meu character, muitos actos da minha vida, como explicam muitas paginas dos meus livros e as principaes tendencias do meu espirito.

Casei aos deseseis annos, e o meu casamento veio quebrar os habitos adquiridos e desfazer muitos projectos de meus pais, em respeito ao meu futuro. Fui de subito obrigada a entrar na sociedade, a passar, sem nenhuma transicção, para um meio completamente opposto aquelle que até ali me cercára. A mudança foi demasiado brusca, não estava para ella preparada. Passado o primeiro deslumbamento das festas, do apparatuso viver mundano, a alma, descontente, procurava de novo o socego, a concentração interior, e voltava, desilludida, aos antigos sonhos, aos antigos modos de ser. Senti, então, pela primeira vez, com clareza, a inanidade dos gozos faceis da vida vulgar e quanto lhe são preferiveis os gozos superiores da intelligencia, as cousas do mundo moral. Esta phase marcou definitivamente a orientação do meu espirito, acabou de formar o meu caracter e decidi da minha carreira futura. Datam de 1890 os meus primeiros escriptos apresentaveis. Nenhum aproveitei anterior a esta data, embora desde creança tivesse o habito de compôr pequenas historias e de manter um jornal onde dia a dia lançava as minhas impressões e analysava quanto via e quanto me succedia.

O problema que mais me tem preocupado – interessando-me eu, alias, por todos os grandes problemas que occupam a humanidade – é o problema da situação da mulher perante a sociedade e perante a lei e o conflicto dos sexos. A mulher precisa emancipar-se de tudo que a humilhe, de tudo que a não deixe expandir a sua individualidade, que a amesquinh e lhe cerceie as liberdades e os privilegios a que todo o ser consciente tem direito. E para conseguir o intento não me parecem de muito bom gosto e de segura efficacia as reivindicações apaixonadas e ruidosas. Considero o estudo, a leitura bem norteadas, a seria disciplina moral, o melhor bem para a mulher e o caminho mais seguro para a sua completa emancipação. A ignorancia, a frivolidade, a ociosidade, e os devaneios e as percepções aladas que ellas alimentam, são os peiores males que affligem o nosso sexo.

Enquanto d'ellas se não souber libertar – e o nosso meio portuguez é tão acanhado e ainda tão refractario a qualquer iniciativa proveitosa nesse sentido! – nenhum resultado serio terem quaesquer esforços isolados das partidarias do feminismo. Nunca, nos meus livros, abordei directamente estas questões; tenho mesmo evitado a propaganda activa de certas ideas avançadas, por julgal-a extemporanea no meu pais, e porque me desagrada, em principio, o feminismo militante e palavroso. Para o bom exito da evolução que, estou certa, hade fazer-se, n'um periodo mais ou menos longo, valem mais os exemplos do que as phrases, a propria conducta do que a exposição de doutrinas. –

Se V. Ex^a entender não serem ainda sufficientes estas explicações, estou sempre ao seu dispôr e com todo o gosto responderei a quanto lhe seja necessario saber.

Acceite V. Ex^a os meus cumprimentos e os protestos da minha subida consideração e m^{ta} admiração

Claudia de Campos

Casa de V. Ex^a – Avenida da Liberdade – 212 – Agosto 21/1901

Ms. CMV 1
202

CLAUDIA DE CAMPOS

Querida Luísa

Foi V. Exa. muito amável, na carta que me
dirigiu. Expresso iunctivo e sua opinião
sobre o meu livro "Palmeira-Alta", porque
ela é franca e perfeitamente imparcial.
Espero, de, capricho, o juízo critico que
V. Exa. formou, não repellido e não inde-
zando a mercê, moderando e a pouco
moderando, nem tão pouco propando
curiosas a respeito que as deus epiros. Não apro-
do m. e. pareceu menos bem. E em uni-
to recordando a prova de franqueza e de
honestidade que V. Exa. acabo de dar-me, e que é
também prova do seu talento superior e do
seu carácter elevado.

Mas voltando à questão Palmeira-Alta.
Creio-me V. Exa. de não ter feito uma

retrato mais completo de Madame de Staël;
de não ler poro, mais um fro az mas grandes
qualidades, mais um sommo az mas grandes
defeitos, enfim, de não ler accusado nenhum
o seu livro como enganoso. Teria V. Ex. a razão,
se o meu propósito fosse escrever um mono-
graphia de celly talmey. Mas não é esse o
alcançe do meu trabalho. O meu livro é um
livro de polemica, que se não escreve a frio, mi-
nha razão; um livro para desfazer uma
a uma todas as inenunciáveis phantasias, com
as quaes a Sr. D. Maria Carolina lhe
aproveu o empir do seu caber. o episodio
de Madame de Staël e de nosso digne, e que
lão applaudidas foram pelo seu "Coterie".
Conseguir o meu intento? Conseguir, e é V. Ex.
a rainha a consagrar com a maior sim-

peridada. o meu trabalho attingiu o seu fim
e, sob esse ponto de vista, portanto - e é só nesse
sentido que a critica deve considerar - está bem,
compreendo os meus esforços e a minha appropriação.
Como pois, meus caros, ser benévolo com
mim de Haël, segundo V. Ex.^a deseja, se
em escriptura precisa que em a appropriação
surpida de falsos supostos e apesiado do peduto,
para a pôr em frente de Haël inventado de
Haël de Vida do Duque de Palmella, e de se
comprometter a tirar as precisas illações para as
conclusões finais dos meus raciocínios? Não
trahi de mim de Haël escritor, porque
não em si aquelle lugar appareceu uma escripta
litteraria, que iria servir o argumento princi-
pal e, por consequente, tirar força ao argu-
mento, mas apenas de mim de Haël mul-
her. E não foi ingenua com ella, como

V. Ex^a pretende, por ahi lá, para quando me
permissão a peçoção especial do meu trabalho, e
sempre zineiro, como em tudo que me creio.
Ora, a obra inteira de barney, vive a paciência
de lá, com esta obra, hoje lá, satisfazendo, mesmo
os mais magoados dos seus discípulos políticos,
mesmo os mais insignificantes dos seus disci-
pulos de adoração. Onde obter dados, de-
mentis, de diversas e diversas fontes, e com estes
elementos, por mim analisados e comparados,
é que eu compreendi a obra que apresento, e que,
por o ponto de vista que me a coloco, é
verdadeira, embora V. Ex^a seja o contrário.
Por de parte, sendo brancos e sendo negros, e
crianças de pé, por mim mesmos, a individualidade
de mulheres, não deixando, nem as de lá, na
escriptura, que ninguém melhor do que eu entendo
e admira, em toda a sua vasta e completa
intelligência, e dessa admiração V. Ex^a mesmo

Para fazer espalhar no meu livro, a que,
talvez, n'um primeiro tempo, não passasse
a impressão. Depois-me v. de Louise-Benoit e
o seu elyze hypertopie, não menos de inferno,
mas não sabe, de certo, que o mesmo Louise-Benoit,
ao indor-se com o duque de Baylie, desfa-
zer n'um jantar de literatos, e de
Baylie se fizesse, finto, acatado, com a
dita de sendo e representando a verdadeira dila.
que elle enteeu como n'um livro e que seria
passado com a do meu livro - m. de. Cita-
me ainda v. de o perfil passado por lady
Blumenfasser. O trabalho desta senhora, alia
muito, bem finto, e quasi um hymno. Ha
uma profundidade de mulher de festa e de
alente, lady Blumenfasser não se importa
dever com a de dila e não com a
escriptura, com a incandencia, com a immen-

Sal auctor de Allegoria. E a obra em que
Cruzado é uma parábola e um agradecimento
do reconhecimento a auctor de Corium. Pela
sympathia que lhe inspira o seu país, pela
compreensão que d'elle teve, pela apoloia que
d'elle fez e pelo seu amor que o revelou a
través d'ella. E a obra de agradecimento
d'um dos seus amigos mais edificantes, ficando em
seu plano, abstracto, um commentario, e
meia critica. Na obra não se vê em forma, porque
em si mesma a propria indole do meu livro. E
com os meus sentimentos de que elle me
compartilha apreci. V. de a. de a. de a. de a.
seus rasos - como em seu. Toda a obra é
polyédrica. Não podendo o mesmo olhar abarcar
as mesmas coisas as multiphas faces de cada
objecto, ficando mesmo aquella que o auctor
na sua em frente - e os myos intellectos

ali' nunca (grau n' se n'õ era. El face
de m^u de Rait. que me p' necessarios exami-
nar definitivamente, com a referencia p' presi-
zar fazer e p' p'ntando, e talhi e p'xi de
presencia in m'õ, sendo a m'õ favore-
cida, n'õ deica p' r'õ de ser verdadeira.
Como o r'õ a p' V. R'õ uiaçim e a p' Lady
Blumenbach deere. El monographen p'festa
seria aquella p' continuare p'õ m'õs faces,
as p'ões, separadas, formam verdades relatin,
e p'õ, reunidas, seria a capaçõ de verdade
absoluta. Cl'õ, e r'õ as p'ões, - e n'õ pelo
p'ões de S'õ. - Bem m'õ de Lady Blumen-
bach - sup'õ a individualidade completa
e final de descripçõ e da mulher. Mas, quem
sup'õ e n'õ a p'ões, que estã
ainda p'ões, apesar de p'ões p'ões e
p'ões descripçõ a p'ões p'ões?
Madame de Rait, como mulher - p'õ n'õ m'õ
trabalho anterior e p'õ V. R'õ a p'ões p'ões

o dizer - e' antipathico, e' anti-feminino, e
de confusões mais do que equivoquez. Para mim
não ha infelicidade, por robusta que seja, que
faga de todo esquecer estas coisas e que suplique
e absova por completo estas coisas. E' por isso
que não posso classificar de grande honra, por
uma honra superior, e mesmo por uma honra
obscuro mas de carácter, estas da saueza
naí promiscuidade dos amores de grande paixão
e se já não esta honra nem gloria nem amado,
em comparação de grande honra, pela ilustre
exemplar, menor honra e menor gloria acha-
ando, por uma honra superior - ou por
qualquer outro honra - que enfiado ridicula
mente, como criminoso andando enfiando o
duplo de Palmeira o qual, felizmente por
ele, hinta menor soa vidade e maior
respeito do que a S. D. Maria qual
ela atribue.

Seu Rodin, diz V. Ex.^a, ser mais caritativo, mais
 caridade estava, então, desagrada, e, em todo o caso, cariti-
 vidade nunca ainda - e grave. Que o Sr. de Raíl me
 pedisse se a sacrificiei um pouco ao meu interesse
 esse seu laudo sobre sacrifício ao seu espírito, indicando
 a que paixão se refere "bom-moté." de resto, a barreira
 foi sempre o problema para me exprimir me publico
 em nome de quem exprimir. A hospitalidade de
 Sr. S. Maria, manifestar para comigo, seu lado tão
 grande, desde os meus primeiros passos, e as letras,
 lauda me e os seus escritos me tem levado, pouco-
 a-pouco e pouco, para me não poder castar-me sobre a vida.
 A minha desgracia foi ser em todo o tempo, com
 V. Ex.^a pode escrever - e eis que se não pode escrever.
 Não esperando, com o maior interesse, o livro de
 V. Ex.^a me animar. Offereço muito o trabalho
 e estudo, bem estudado, bem desenvolvido. São meus
 por porque não de utilidade universal, e em não
 outros, no nome meu português, ninguém mais

Empreinte par exemple. Et puis, nous avons
à recevoir l'éclair de son bel intelligence,
à écouter - non que V. se passe, mais en, de
Shelley, que se passe sur sa composition
partielle "the cloud", "the skylark" e "West-wind", à nous
parant de de que nous nous ne nous
que après que nous après - nous en nous
nous, de nous, après - à grande littérature
nous, e que nous nous de nous, par nous
nos nous de nous, de nous, de nous
Browning, nous de nous nous admirer
feminine. Et nous e nous d'elle que
nous nous, en publiant de Shelley. Et V. e
nous, nous, nous en nous. Nous de nous appelle
caractère admirable, appelle nous admirable,
appelle de nous intellect. Inférieur à nous
nous, à Browning e - the supérieur en nous nous.
Nous, e nous e nous nous e nous
à nous nous, nous e nous nous, nous nous e

ser intelectual. E eu quero tanto me harmoni-
zar! Vejo V. Ex.^a, o desaccordo com o tempo e
vida, o caracter, as aspirações e as ideias de Dante
Gabriel Rossetti, fazem com que eu tenha afe-
ção e entusiasmo pela poesia. Não esqueça-
tho mais. Com sempre feliz, como mulher, como
escriptor, preencho todos as minhas possibilidades
e não me canso de ler e de ver dois livros mais
novos, a que não meço: Mill in the Flow e
Edgar Poe. V. Ex.^a pode com certeza falar de
Rossetti, que tanto amava porque, que tanto admi-
ra a escriptura, o seu idealismo, a sua sciencia,
a sua litteratura.

Como V. Ex.^a quer fazer-me a honra de ler os
meus livros e gentilmente me participa a curio-
sidade de conhecer o offices of the High Women
e o antigo John and Maria. Depois, mande-me
seu epiphany, hills e ultimo esmoo. Não vou

Quem julgar, para que, já agora, V. Ex. seja
primário o seu conceito de mim como crítico,
não que por um trabalho de crítica começei
a escrever-me, antes de me avaliar como roman-
ceira. Sou bastante vago à beleza poética, mas
não me dá valor exagerado. O que quero sobre o
argumento mencionado V. Ex. exposto nas páginas
114 a 119 e 146 a 152 do ensaio sobre o estilo de Brontë.

Acceito V. Ex. os meus cumprimentos, e
reco-mendo que seja na minha admiração
e no meu muito sympathia e em minha
gratidão e consideração pelo trabalho que se
distingue

Cláudio de Campos

Casa de V. Ex. - Avenida da Liberdade 212 -
Lisboa, 19 de Setembro de 1901.

Transcrição:

Ex^{ma} Snr^a

Foi V. Ex^a muito amavel, na carta que me dirigiu. Apreciei immenso a sua opinião sobre o meu livro “Palmela-Staël”, porque ella é franca e perfeitamente imparcial. Agradeço-lhe, captivada, o juizo critico que V. Ex^a formolou, não regateando elogios onde os sentiu merecidos, molestassem elles a quem molestassem, nem tão pouco poupando censuras àquillo que ao seu espirito não agradou ou lhe pareceu menos bem. Estou muito reconhecida à prova de franqueza e de lealdade que V. Ex^a acaba de dar-me, e que é tambem prova do seu talento superior e do seu character elevado.

Mas voltemos à questão Palmela-Staël. Accusa-me V. Ex^a de não ter feito um retrato mais completo de Madame de Staël; de não ter posto mais em foco as suas grandes qualidades, mais na sombra os seus grandes defeitos; emfim, de não ter accentuado melhor o seu perfil como escriptora. Teria V. Ex^a razão se o meu proposito fosse escrever uma monographia da celebre baroneza. Mas não é esse o alcance do meu trabalho. O meu livro é um livro de polemica, que se não escreve a frio, minha senhora; um livro para desfazer uma a uma todas as inconcebiveis phantasias com as quaes a Snr^a D. Maria Amalia lhe approve compôr da sua cabeça o episodio de Madame de Staël e do nosso duque, e que tão applaudidas foram pela sua “côterie”. Consegui o meu intento? Consegui, e é V. Ex^a a primeira a confessal-o com a maior sinceridade. O meu trabalho attingiu o seu fito e, sob esse ponto de vista, portanto – e é só nesse sentido que a critica deve consideral-o – está bem, compensam os meus esforços e a minha applicação. Como podia, neste caso, ter benevolencias com M^{me} de Staël, segundo V. Ex^a desejava, se era exactamente preciso que eu a apresentasse despida de falsos ouropeis e apeiada do pedestal, para a pôr em frente da Staël inventada, da Staël da Vida do Duque de Palmela, e desse confronto tirar as precisas illações para as conclusões finaes dos meus raciocinios? Não tratei de M^{me} de Staël escriptora, porque não era n’aquelle logar opportuno um estudo litterario, que iria diluir o assumpto principal e, por conseguinte, tirar força aos argumentos, mas apenas de M^{me} de Staël mulher. E não fui injusta com ella, como V. Ex^a pretende, fui até tão justa quanto m’o permitia a feição especial do meu trabalho, e sempre sincera, como em tudo que escrevo.

Possuo a obra inteira da baroneza, tive a paciencia de ler toda essa obra, hoje tão fatigante, mesmo os mais massadores dos seus escriptos politicos, mesmo os mais insignificantes dos seus devaneios de adolescente. Pude obter bastos documentos, de diversas e seguras fontes, e com estes elementos, por mim analysados e comparados, é que eu construi a Staël que apresento, e que, sob o ponto de vista em que a colloquei, é verdadeira, embora V. Ex^a creia o contrario. Pus de parte lendas brancas e lendas negras, e ergui de pé, por mim mesma, a individualidade da mulher, não desfazendo, nem ao de leve, na escriptora, que ninguem melhor do que eu conhece e admira, em toda a sua vasta e complexa intelligencia, e dessa admiração V. Ex^a encontrará traços espalhados no meu livro, a que, talvez, n’uma primeira leitura, não prestasse attenção. Aponta-me V. Ex^a Sainte-Beuve e os seus elogios hyperbolicos, não isentos de interesse, mas não sabe, decerto, que o mesmo Sainte-Beuve, ao indispor-se com os duques de Brylie, declarou n’um jantar de litteratos que, se os de Brylie se fizessem finos, acabaria com a Staël da lenda e retrataria a verdadeira Staël, que elle conheceu como ninguem e que seria parecida com a do meu livro – ou peor. Cita-me ainda V. Ex^a o perfil traçado por Lady Blennerhassett. O trabalho desta senhora, aliás muito bem feito, é quasi um hymno. Na sua qualidade de mulher de letras e de allemã, Lady Blennerhassett não se importa de veras em M^{me} de Staël se não com a escriptora, com a iniciadora, com a immortal autora da Allemanha. E a obra que lhe consagrou é uma saudação e um agradecimento

reconhecido à auctora de Corinna, pela sympathia que lhe inspirou o seu paiz, pela comprehensão que d'elle teve, pela apologia que d'elle fez e pelo genio com que o revelou á França inteira. As aventuras desgraçadas, os episodios domesticos pouco edificantes, ficam em terceiro plano, adoçados, sem commentarios, a meias tintas. Ora isto não podia eu fazer, porque era contra a propria indole do meu livro. E com os mesmos sentimentos da sua illustre compatriota aprecia V. Ex^a a Staël. Ambas teem razão – como eu tenho. Todas as cousas são polyédricas. Não podendo o nosso olhar abranger ao mesmo tempo as multiplas faces de cada objecto, fixamos melhor aquella que o accaso nos poe em frente – e os myopes intellectuaes até nunca logram vêr se não essa. A face de M^{me} de Staël, que me foi necessario examinar detidamente, para a refutação que precisava fazer, e que, portanto, escolhi e fitei de preferencia às outras, sendo a menos favorecida, não deixa por isso de ser verdadeira, como o são a que V. Ex^a imagina e a que Lady Blennerhassett descreve. A monographia perfeita, seria aquella que combinasse todas estas faces, as quaes, separadas, formam verdades relativas, e que, reunidas, seriam a expressão da verdade absoluta. Assim, e só assim, – e não pelos processos de Sainte-Beuve ou de Lady Blennerhassett – surgiria a individualidade completa e final da escriptora e da mulher. Mas, quem emprehenderá jamais essa historia, que está ainda por fazer, apesar de tudo quanto se tem escripto a tal respeito?

Madame de Staël, como mulher – já n'outro trabalho anterior e que V. Ex^a agora vai conhecer o disse – é antipathica, é anti-feminina, e de costumes mais do que equívocos. Para mim, não ha intelligencia, por poderosa que seja, que faça de todo esquecer certas cousas e que explique e absolva por completo certos actos. É por isso que não posso classificar de grande honra, para um homem superior, e mesmo para um homem obscuro mas de character, entrar na lamentavel promiscuidade dos amores de M^{me} de Staël. E se já não acho honra nem gloria ser amado, em companhia de tantos outros, pela illustre escriptora, menos honra e menos gloria acho ainda, para um homem superior – ou para qualquer outro homem – ser enganado ridiculamente, como Corinna andava enganando o Duque de Palmela o qual, felizmente para elle, tinha menos tola vaidade e maior perspicacia do que a S. D. Maria Amalia lhe attribue.

Eu podia, diz V. Ex^a, ser mais caritativa, mas a caridade estava, então, deslocada, e, em todo o caso, calei muita cousa ainda – e grave. Que M^{me} de Staël me perdôe se a sacrifiquei um pouco aos meus interesses, ella que tanta gente sacrificou ao seu espirito mordente, à sua paixão pelos “bons-mots”. De resto, a baroneza foi somente o pretexto para eu esgrimir em publico com quem desejava esgrimir. A hostilidade da Sn^{ra} D. Maria Amalia para commigo tem sido tão grande, desde os meus primeiros passos nas letras; tanta vez nos seus escriptos me tem visado, provocado e ferido, que eu não podia calar-me toda a vida. A minha desforra foi leal em todo o sentido, como V. Ex^a pode verificar – creio não ter sido improficua.

Fico esperando, com o maior interesse, o livro que V. Ex^a me anuncia. Aprecio muito os trabalhos eruditos, bem estudados, bem documentados. São precisos porque são de utilidade universal, e eu não conheço, no nosso meio portuguez, ninguém mais competente para escrevel-os. Admiro muitissimo a excepcional cultura da sua bella intelligencia, e encantou-me que V. Ex^a gostasse, como eu, de Shelley, que destacasse entre as suas composições poeticas, “The Cloud”, “The Skylark” e “West-Wind”, a incomparavel ode de que transcrevo trechos no meu estudo; que apreciasse como eu aprecio – como em Portugal ninguém, decerto, aprecia – a grande litteratura ingleza, e que me falasse dos nomes, para mim tão familiares, de Swinburne, de Eliot, de Elisabeth Browning, uma das minhas maiores admirações femininas. É mesmo a biographia d'ella que tenciono escrever, em publicando a de Shelley. E V. Ex^a verá, então, como eu a trato, como descrevo aquelle character admiravel, aquelle coração apaixonado, aquelle delicadissimo intellecto. Inferior à Staël como genio, a Browning é-lhe superior em tudo mais. Aqui, é

completa a harmonia entre a auctora e a sua obra, entre o ser physico, o ser moral e o ser intellectual. E eu prezo tanto essa harmonia rara! Veja V. Ex^a, o desaccordo lamentavel entre a vida, o caracter, as aspirações e os ideaes de Dante Gabriel Rossetti, fazem com que eu sinta até pouco enthusiasmo pela sua obra. Não sympathiso muito com George Eliot, como mulher; como escriptora, porem, tem todas as minhas predilecções e não me canço de reler os seus dois livros magistraes, os que não morrem: Mill on the Floss e Adam Bede. V. Ex^a hade com certeza gostar de Eliot, que tanta erudição possuia, que tanto admirou a Allemanha, o seu idealismo, a sua sciencia, a sua litteratura.

Como V. Ex^a quer fazer-me a honra de ler os meus livros, e gentilmente me participa a curiosidade de conhecel-os, offereço-lhe hoje Mulheres e o artigo sobre Soror Marianna. Depois, mandar-lhe-hei Esphinge, Elle e Ultimo Amor. Não vão todos juntos, para que, já agora, V. Ex^a faça primeiro o seu conceito de mim como critica, visto que por um trabalho de critica começou a conhecer-me, antes de me avaliar como romancista. Dou bastante valor á belleza feminina, mas não lhe dou valor exaggerado. O que penso sobre o assumpto encontrará V. Ex^a exposto nas paginas 77 a 79 e 146 a 152 do ensaio sobre Carlota Brontë.

Acceite V. Ex^a os meus cumprimentos, e peço-lhe que creia na minha admiração sincera, na minha sympathia e na minha subida consideração pelos bellos dotes que a distinguem

Claudia de Campos

Casa de V. Ex^a – Avenida da Liberdade 212 –
Lisboa, 19 de Setembro de 1901.